revista CONTROVÉRSIA
ISSN 1808-5253
UNISINOS

HIPOCRISIA OU POLIDEZ? BOAS MANEIRAS NO ILUMINISMO BRITÂNICO

Mariana Dias Pinheiro Santos

Graduada em Filosofia pela Universidade Federal de Sergipe (UFS)

marianadps4ntos@gmail.com

http://lattes.cnpq.br/3437175302339422

RESUMO:

A Grã-Bretanha setecentista foi um dos períodos mais preocupados e que mais escreveu sobre galanteria, moral, modéstia, virtudes, cavalheirismo e boas maneiras; em uma palavra: polidez. Uma das razões que justifica a preocupação de grande parte dos autores britânicos com esse tema (Hume, Chesterfield, Gregory, Mandeville, Wollstonecraft, Fordyce, Shaftesbury – só para citar alguns) estaria atrelada a uma necessidade de evidenciar a diferença entre os povos bárbaros e os civilizados. As boas maneiras seriam um dos principais divisores de águas entre a barbárie e a civilização, inculcadas principalmente através de textos de morais práticas, refletiriam a superioridade de caráter, o acúmulo de virtudes e de conhecimentos, tornando as faculdades mentais aptas para agirem sempre da melhor forma possível. Um dos pontos que usualmente são esquecidos ou ignorados por esses autores – e por seus comentadores – diz respeito ao caráter da hipocrisia exposto por Davidson. Meu objetivo será apresentar de que forma estas relações se constituíam através da compreensão da formação de caráter proporcionada aos considerados cavalheiros e mulheres de mérito e em que medida pode-se caracterizá-los como hipocrisia.

PALAVRAS-CHAVE:

Hipocrisia. Polidez. Sociabilidade.

HYPOCRISY OR POLITENESS? MANNERS IN BRITISH ENLIGHTENMENT

ABSTRACT:

The Eighteenth Great Britain was one of the most concerned periods and the one which wrote the most about gallantry, moral, modesty, virtues, chivalry and manners; in one word: politeness. One of the reasons that justify the concern of a large number of the British authors about this theme (Hume, Chesterfield, Gregory, Mandeville, Wollstonecraft, Fordyce, Shaftesbury - just to name a few) would be tied to a need to emphasize the difference between barbarian and civilized people. The manners would be one of the main watersheds amongst the barbarity and civilization inculcated, mainly, through moral practices texts, it would reflect the character's superiority, the accumulation of virtues and knowledge, making mind faculties able to always act in the best possible way. One of the points that are usually forgotten or ignored by these authors - and by most of their commentators - talks about the hypocrisy's character displayed by Davidson. My aim will be to demonstrate in which way these ties were constituted throughout the character establishment provided to the regarded gentlemen and merit women and in which extent we can characterize them as hypocrisy.

KEYWORDS:

Hypocrisy. Politeness. Sociability.

Introdução

A Grã-Bretanha setecentista foi, sem sombras de dúvidas, um dos períodos mais preocupados e que mais escreveu sobre a galanteria, a moral, a modéstia, as virtudes, o cavalheirismo e as boas maneiras; em uma palavra: polidez. Uma das razões que justificam a preocupação de grande parte dos autores britânicos com esse tema (Hume, Chesterfield, Gregory, Mandeville, Fordyce, Shaftesbury – só para citar alguns) estaria atrelada a uma necessidade de evidenciar a diferença entre os povos bárbaros e os civilizados (Moran, 2005). Os primeiros eram incultos e, por isso, seus feitos estariam limitados a disputas por ninharias[1] ou cópias mal feitas das artes clássicas[2], enquanto os segundos são capazes de promover os maiores feitos humanos. As boas maneiras seriam, então, um dos principais divisores de águas entre a barbárie e a civilização (MORAN, 2005). Essas boas maneiras, inculcadas principalmente através de

[1] *Leviatã*, HOBBES, T (1999).

[2] *Um ensaio histórico sobre a cavalaria e a honra dos modernos*, HUME, D (2017).

textos de morais práticas, refletiriam a superioridade de caráter, o acúmulo de virtudes e de conhecimentos, tornando as faculdades mentais aptas para agirem sempre da melhor forma possível.

Um dos pontos que usualmente são esquecidos ou ignorados por esses autores – e por seus comentadores – diz respeito ao caráter da hipocrisia exposto brilhantemente por Davidson (2004) em seu *Política e Hipocrisia da Polidez*. Resumidamente, parte do bom convívio estabelecido pelas boas maneiras deve-se à omissão ou mentira, por parte do comportamento feminino ou masculino setecentista, em tensão com as indicações para a formação de um caráter verdadeiro, virtuoso e fiel. Wollstonecraft já teria notado (e duramente criticado) – ainda que não utilizasse o termo hipocrisia – a incoerência nas doutrinas de Lorde Chesterfield e de John Gregory para seus filhos: dissimular, omitir, mentir e, ao mesmo tempo, prezar pela verdade.

Vale lembrar que outros filósofos iluministas britânicos já teriam notado e defendido a hipocrisia. A título de exemplo, Mandeville, em sua *Fábula das Abelhas*, resumirá as relações polidas em um conceito: lisonja, que nada mais seria do que a bajulação. Nas palavras do autor: "por meio dessa forma astuta de bajulação, no coração dos homens, começaram a instruí-los nas noções de honra e vergonha" (MANDEVILLE, 2017, p. 53). A diferença crucial entre a maneira pela qual Wollstonecraft e Mandeville notam o que Davidson (2004) denomina como "hipocrisia e seus afiliados" (tudo aquilo que estivesse relacionado à polidez) é que a filósofa os notará como deletérios para o convívio e o progresso da humanidade, enquanto o filósofo compreenderá justamente o oposto.

Não pretendo aqui, a princípio, atribuir juízo de valor à hipocrisia ou à polidez. Não posso deixar de notar, alinhando-me pesadamente com as análises de Davidson (2004), que, mesmo em nossas constituições sociais contemporâneas, certo nível de polidez é necessário para evitar catástrofes no convívio social. No entanto, vale a pena reproduzir *ipisis litteris* as palavras da autora:

> Muitas defesas da hipocrisia começam por lhe dar um apelido atraente: modos, civilidade, decoro, autocontrole, polidez. Defender a hipocrisia sob o seu próprio nome significa quebrar um tabu, e um forte incentivo é

> necessário para arriscar a indignação que uma tal defesa provavelmente provocará.[3] (DAVIDSON, 2004, p. 6)

Dito isso, meu objetivo será apresentar de que forma as relações sociais setecentistas britânicas se constituíam através da compreensão da formação de caráter proporcionada aos considerados cavalheiros e mulheres de mérito e em que medida pode-se caracterizá-los como hipocrisia. Entender de que forma as relações eram formadas e como se constituía um caráter polido torna-se particularmente interessante para que se possa apreender por quais razões a literatura gótica (pesadamente presente no século XVIII, como lembra Botting (2005)) e certos comportamentos são considerados como deletérios – coisa que pode ser vista em *Virtude, Moral e Poder no Gótico do Séc XVIII*. Para isso, precisei estabelecer alguns passos: em primeiro lugar, compreender que tipo de filosofia está atrelada à formação moral britânica do século XVIII e, consequentemente, entender o caráter da hipocrisia intrínseca à polidez; em segundo lugar, explicar por quais razões Gregory e Chesterfield constituem o que pode-se considerar como parâmetro das boas maneirasse e, em seguida, investigar de que forma é possível caracterizar a formação feminina e a masculina usando como base, respectivamente, os escritos de Gregory e Chesterfield. Com isso pretendo estabelecer o que era considerado um comportamento virtuoso e em que medida pode-se considerá-lo hipócrita.

Morais práticas: polidez e hipocrisia

A filosofia preocupada com a polidez, caracterizada como moral, versa, principalmente, acerca de dois eixos: a moral prática e a moral teórica. Esta dedica seus esforços para "descobrir a essência da virtude e os princípios que nos levam a formar as distinções morais" enquanto a outra "visa animar nossas 'boas disposições pela descrição da beleza, dignidade ou utilidade da virtude"' (RIBEIRO, 2019, p. 14). Estes textos pretendem – sob um sistema de virtudes, direitos e deveres – aflorar a excelência de caráter e:

[3] Todas as traduções do inglês são minhas.

> Além de apresentarem *quais* disposições se deveria estimular, esses sistemas também podem incluir orientações sobre *como* cultivar tais disposições. Através disso, eles pretendem fornecer um guia claro de conduta aos jovens, porque se presume que ajuizar sobre o dever é difícil. Igualmente, faz parte do projeto mostrar que o mundo é moralmente coerente e providencialmente ordenado. Sendo assim, as normas são expressas como descobertas, e não criadas: em um espírito combativo à ideia de discordância entre moralidade e natureza[...]a virtude é expressa pela execução habitual de deveres, ou pela realização dos fins dos ofícios [...] A partir dessas convicções, as virtudes comumente são classificadas pelos objetos dos deveres, a saber: Deus; o si mesmo; e os outros. (RIBEIRO, 2019, p. 14-5)

Dentro da supracitada classificação apresentada por Ribeiro (2019), se destacam os trabalhos de Fordyce, Lorde Chesterfield e Gregory – destes dois últimos tratarei posteriormente. Estes nomes faziam parte de um catálogo britânico de boas maneiras (Davidson, 2004) e consistiam, basicamente, em tratados educacionais, sermões, cartas, romances ou poesias *etc*. que constituíam uma espécie de manual de maneiras (Taylor, 2005) – chamados por alguns setecentistas britânicos de livros de autoajuda. As boas maneiras são um ponto tão essencial no século XVIII que filósofos como Chesterfield chegarão a considerá-las mais importantes do que as leis, e Locke – ainda no século XVII – apontará para elas como uma parte constitutiva da estabilidade política (MENDES, 2016).

Em conformidade com a análise histórica de Ribeiro (2019), percebe-se que as morais teóricas, repletas de verdades abstratas, não são suficientes para influenciar as ações humanas e, por isso, as morais práticas são um elemento tão importante para fabricar a consequência (considerada pelos moralistas) natural: a felicidade e o progresso da sociedade. Esse tipo de escrito apresentava a forma adequada de preservar a mente e o corpo, informando quais maneiras eram melhores para o bom convívio social (tratarei pormenorizadamente desses temas na seção seguinte). O grande problema é que, para o bom convívio social, certa dose de dissimulação era considerada necessária: fingir interesse em temas de conversa, elogiar para além do que se pensa, fingir que alguns são superiores, fingir não ter sabedoria, e sempre aparentar o máximo possível de fé. No entanto, condenar a mentira em absoluto, ainda assim, era uma das bases da filosofia moral (DAVIDSON, 2004).

Ainda segundo Ribeiro (2019), a mentira é uma das preocupações principais nos textos que versam sobre moral; era necessário pensar, nas palavras do autor: "em que condições ela pode ser virtuosamente tolerada: de modo que não ameace a conversação e a vida social" (RIBEIRO, 2019, p. 15). As circunstâncias citadas pela brilhante reconstrução do historiador da filosofia dizem respeito a mentir para pessoas que não tem direito à verdade, dando como exemplo: uma criança, uma pessoa insana, um assassino, um assaltante ou um paciente médico (esquecendo completamente das mulheres e dos criados). De qualquer forma, as boas maneiras e a polidez eram tidas, segundo Davidson (2004), como a base da civilização.

A dissimulação, nesses termos, para grande parte dos filósofos setecentistas britânicos, era não só tomada como necessária, bem como avaliada positivamente e incentivada. Nesse ponto vale lembrar algumas críticas a esse tipo de boas maneiras presentes no pensamento britânico setecentista. Wollstonecraft, considerada em sua época como uma das usurpadoras da virilidade e assídua leitora de textos morais práticos e teóricos (TAYLOR, 2005), analisará a maior parte dos seguidores das indicações de convivência, boas maneiras e constituição de caráter virtuoso como "Seres débeis e artificiais, criados acima dos desejos e afetos comuns de sua raça de forma prematura e inatural, minam[do] os próprios fundamentos da virtude e propagam[do] corrupção por toda a sociedade" (WOLLSTONECRAFT, 2016, p. 27). O refinamento proposto por Fordyce, Hume, Chesterfield e Gregory, que tinham como finalidade felicidade e progresso social, são diagnosticados por Wollstonecraft como artificiais e degradantes. Afinal, como lembra a autora da *Reivindicação dos direitos da mulher*, como podem ser todos sábios e virtuosos se um sexo é autorizado a mentir para o outro, por exemplo?

Na contramão do movimento que considerava certa dose de mentira como adequada ou boa, no final do século XVIII, Mary Wollstonecraft coloca-se como uma figura que tem a pretensão de evidenciar como as condutas feminina e masculina eram artificiais e, em grande medida, destituída de virtude. Isso porque dissimular em sociedade e reproduzir dogmas não poderiam ser considerados como atos virtuosos seja para mulheres ou homens de mérito, mas sim incoerente. Em um capítulo da

Reinvindicação dos direitos da mulher: *Censura a alguns dos escritores que têm tornado as mulheres objeto de piedade, quase de desprezo*, Wollstonecraft tecerá críticas aos filósofos iluministas, figuras que tomam um papel importante na Europa no que diz respeito à boa educação feminina e masculina.

Mandeville, por sua vez, intitulado por George Berkeley em seu *Tratado sobre os princípios do conhecimento humano* (2010) como hobbista[4] por conta de suas ideias, não acreditava que a polidez estivesse relacionada com a liberdade, e sim com uma forma de controlar a natureza indomável e insaciável do homem. Para o autor, como os freios do governo são insuficientes para conter o humano, os políticos tiveram que inventar algo que pudesse contentar as violências que os humanos cometeriam contra si em prol do estado, já que não poderiam oferecer tantas recompensas verdadeiras. Inventaram a lisonja e logo em seguida noções como vício e virtude, e nisso, em certa medida, deriva a polidez.

O vício consiste, afirma Mandeville, em tudo aquilo em que não há consideração pelo bem público, e a virtude é o seu oposto; a lisonja permite que os homens virtuosos sejam considerados melhores por poderem contribuir com o bem do estado e por terem a capacidade de dominar o seu lado menos racional, o dos sentimentos. Com essas conquistas imaginárias, os homens são dominados e não libertados, para o autor de *A Fábula das Abelhas* – e nisso encontrariam a felicidade e o equilíbrio social[5]. Ou seja, as boas maneiras, a educação e o bom gosto, isto é, a

[4] Em resumo, de acordo com o que está exposto em *Hobbes, pandemia e bolsonarismo: um convite à desobediência civil*, hobbista era um termo atribuído a subversão, heterodoxia e valores anti-aristocráticos. Ainda de acordo com este artigo, evidencia-se que a filosofia hobbesiana estava relacionada a uma liberdade republicana que excluía qualquer noção de direito divino, coisa que corrobora para a atribuição (de críticos) de heterodoxia e subversão. Ser um hobbistas, em resumo, era ser subversivo, heterodoxo e seguidor da filosofia de Hobbes.

[5] Tolonen (2014) afirma que a oposição de Mandeville, em *An Enquiry into the Origin of Honour and the Usefulness of Christianity in War*, era contra aqueles que consideravam que os princípios cristãos eram os que faziam com que os soldados cristãos fossem melhores. Mas apenas as máscaras, as modas e os costumes ensinados pelos políticos permitiam esse sucesso virtuoso, não a educação antiga. Para Mandeville, como afirma o comentador, era mais provável que a coragem estivesse associada ao efeito da raiva do que a verdadeiros princípios. Além disso, a honra foi usada como um princípio por políticos, e isso, afirma Tolonen (2014), marca uma diferença grande entre os antigos e os modernos. Tendo sua origem através das práticas da cavalaria, fez com que os homens se importassem artificialmente com suas expressões e tratamentos. Os modos foram refinados da galanteria gótica para a polidez moderna: não se justificava mais agir pela força do ódio, agora era necessário usar do orgulho

polidez, não passariam, para Mandeville, de um artifício desencadeado pela lisonja para massagear os egos humanos e controlá-los simultaneamente.

Trazer à luz de forma superficial os diagnósticos de Wollstonecraft e Mandeville, ainda que sejam textos (em certa medida) de moral teórica, permite observar que a dissonância entre a conduta e a regra moral já era observada e criticada – de certa maneira – por parte dos filósofos do século das luzes britânicas. Se, de um lado, Mandeville irá perceber toda a artificialidade da polidez, ridicularizando-a em algumas passagens de sua *Fábula das Abelhas*, nem por isso deixará de enxergá-la como necessária para o bom convívio e para o progresso social. Wollstonecraft, por sua vez, será uma crítica ferrenha das noções propostas pela polidez (em especial às práticas de galanteria e cavalheirismo) por notar a incoerência entre a virtude e o (considerado) direito de enganar as mulheres e privá-las do uso da razão, a dissimulação incentivada à ambos os sexos.

A análise de Davidson (2004) torna-se essencial neste ponto. O termo "hipocrisia" é inserido pela autora com o objetivo de notar uma lacuna entre o dito e o feito e, ao mesmo tempo, notar as incertezas relacionadas ao autocontrole e às boas maneiras – tirando, dessa forma, qualquer véu que poderia ser nomeado como: galanteria, boas maneiras, virtude, autocontrole, cavalheirismo e polidez. Estas nomenclaturas seriam uma forma de os hipócritas sofisticarem as justificativas de suas ações, colocando argumentos em prol do bom comportamento que incidiria (pelo menos era nisso que acreditavam) diretamente no progresso social. Por exemplo: um exame minucioso poderia revelar as reais intenções do coração do homem e a autenticidade de suas boas maneiras; a observação de bons atos a virtude seria finalmente encontrada; sob estes pretextos, o termo "hipocrisia" é considerado inadequado, pelos moralistas, em detrimento do termo "polidez" (DAVIDSON, 2004).

Observe-se, ainda, que parte da defesa à hipocrisia estaria relacionada ao fato de que, por hábito, o desempenho de um papel, por fim, poderia ser considerado autêntico e virtuoso. Dito de outro modo: de tanto dissimular a polidez, em algum

e da auto-estima. Por essas razões, grosso modo, para Mandeville, era injustificável atribuir as maneiras aos antigos e a lisonja tornou-se menos nítida.

momento o indivíduo tornar-se-ia genuinamente polido: "No entanto, para todos estes escritores do século XVIII, a restrição dos apetites evoca o espectro da hipocrisia", "enquanto a polidez e os bons modos possam e devam surgir do coração, eles são, do mesmo modo, o produto de anos de disciplina direcionados para a supressão do verdadeiro sentimento" (DAVIDSON, 2004, p. 8) – coisa que será duramente criticada pelos romancistas góticos (SANTOS, 2020).

Parte das ansiedades vividas pelo século XVIII britânico está relacionada, intimamente, com a ameaça de engano humano e a corrupção das relações humanas. Isso fará com que, de um lado, os textos morais práticos e teóricos multipliquem-se sob a tentativa desenfreada de apresentar ou ensinem o (considerado) verdadeiro caminho virtuoso que geraria o progresso da sociedade, enquanto que, do outro lado, a literatura gótica sobressaia-se como uma certa forma de resistência a esse complexo sistema de boas maneiras com a presença, por exemplo, de personagens que seguem abertamente o curso de suas paixões – como evidenciei em *Virtude, Moral e Poder no Gótico do Séc XVII*. É preciso distinguir os textos que tratam da hipocrisia abertamente, como é o caso de Mandeville em relação à lisonja ou Wollstonecraft em relação à incoerência, dos que, sob um véu de polidez, inculcam um certo tipo de comportamento que raramente poderá ser genuíno e, ainda quando autêntico, terá que sustentar inconsistências internas no que diz respeito à virtude e à verdade – refiro-me aqui à galanteria, ao cavalheirismo e ao autocontrole – como é o caso das indicações que serão apresentadas a seguir em Gregory e Chesterfield.

Mulheres de mérito e cavalheiros virtuosos

I

Em 1786, o reverendo John Trusler editaria o *Principles of politeness, and of knowing the world*[6]: um dos best-sellers das boas maneiras direcionados a jovens

[6] Optei por não traduzir o título desta obra para evitar complicações no que diz respeito ao termo "world". Este termo, em textos morais britânicos, pode ter uma vasta gama de significações dentre elas: vida mundana, mundo, gênero humano etc.

mulheres e homens. A concepção, a princípio, foi de um livro escolar que contivesse os argumentos necessários para justificar as boas maneiras, que os professores pudessem incluir no currículo dos jovens sem maiores dificuldades. Os conteúdos são divididos em tópicos como: modéstia, mentira, regras de conversação e vestimentas, por exemplo. A primeira impressão contém apenas edições de Trusler (2019) das *Cartas para seu filho* de Philip Dormer Stanhope – Conde de Chesterfield e uma impressão posterior inclui *O legado e um pai para suas filhas*, do doutor John Gregory. Com esta adição, *Principles of politeness, and of knowing the world* será considerado como um sistema moral prático completo sobre instrução e polidez destinado para ambos os sexos (TRUSLER, 2019).

Vale lembrar, ainda, que a Grã-Bretanha contava com um catálogo das morais práticas mais influentes que começaria desde os textos de Erasmo de Roterdã até os conselhos de Gregory e Chesterfield. Davidson (2004) notará que esses textos, também chamados por alguns de livros de autoajuda, tornavam-se muito mais frequentes do que outros tipos de escritos – representando, em certa medida, as maiores preocupações do século setecentista britânico, visto que as prescrições que especificavam o comportamento eram consideradas cada vez mais necessárias para o progresso da sociedade. O interesse pelas paixões sob a ótica de que era preciso promover as "naturalmente sociáveis" em detrimento das "prejudiciais" (TAYLOR, 2005) era uma das partes constitutivas das morais práticas britânicas setecentistas. Nesse sentido Chesterfield e Gregory representam quase que perfeitamente o tipo de conteúdo desses textos.

As *Cartas para seu filho* foram editadas e publicadas após a morte de Lorde Chesterfield versando sobre a fina arte dos homens do mundo tornarem-se cavalheiros. A publicação deveu-se a Eugenia Stanhope, esposa escondida de Chesterfield e filha ilegítima de um cavalheiro irlandês. Após a viúva saber que Philip Dormer Stanhope – um homem considerado e estimado como diplomata, cavalheiro e polido – não lhe deixou nenhum tipo de quantia, Eugenia considerou necessário providenciar sustento através da publicação das referidas cartas ao filho ilegítimo do lorde (DAVIDSON, 2004). Tais cartas teriam o propósito de educar e microgerir a vida

do jovem a quem eram direcionadas e, sendo escritas por um dos homens mais considerados da Grã-Bretanha, foram lidas e consumidas rapidamente, recebendo grande popularidade – coisa que se reverteu, para Eugenia, em uma quantia de aproximadamente quinhentos guinéus e perseguição por não ter suprimido partes consideradas pouco polidas (DAVIDSON, 2004).

É essencial notar que a recepção desta obra não foi das melhores. Os ideais voltados abertamente para dissimulação, mentira e adultério, sob a capa da promoção da polidez e da participação no progresso social, são criticados duramente. Philip Dormer Stanhope promoveria, acima de tudo, uma educação que usaria abertamente o termo "aparência" ao instruir as boas maneiras e a polidez; isto causou um grande espanto e desconforto na elite britânica (DAVIDSON, 2004). Dito sucintamente, "Os leitores de Chesterfield [...] consideraram as suas recomendações de dissimulação por interesse próprio tão explícitas, que desacreditaram, por associação, uma vasta gama de argumentos anteriormente aceitáveis" (DAVIDSON, 2004, p. 75); Johnson, por exemplo, considera a moral do autor de *Cartas para seu filho* equivalente a uma moral prostituída (DAVIDSON, 2006). No entanto, ainda que *Cartas para seu filho* sofresse grandes represálias, foi uma das obras mais reeditadas para apresentar a polidez e as boas maneiras. Algumas das edições, como lembra Davidson (2006), suprimiam as recomendações ao adultério e à dissimulação com o objetivo de "neutralizar" o conteúdo; contribuindo, cada vez mais, para a popularização de um manual de boas maneiras e polidez chastefieldianos.

John Gregory, por sua vez, ainda que tenha tido suas cartas publicadas em condições análogas às de Chesterfield, gozou de uma boa reputação pelas instruções que inculca em *Legado de um pai para suas filhas*. Sua doutrina disposta em *Uma visão comparativa dos estados e faculdades dos homens*[7] estaria intimamente ligada – como notam Moran (2005), Davison (2006) e Taylor (2005) – à noção de progresso da sociedade e à felicidade humana. O autor, nesta obra, acreditava que a forma mais adequada de sociabilidade é posta em marcha com muito mais precisão pelas mulheres do que pelos homens, por aquelas estarem mais naturalmente dispostas à

[7] A Comparative View of the State and Faculties of Man.

religiosidade e à delicadeza. Isso influenciará diretamente na maneira pela qual as doutrinas de Gregory estarão dispostas no *Legado*.

John Gregory se colocaria a escrever o *Legado* ao perceber a brevidade – por conta da precariedade de sua saúde – da sua vida e a morte de sua esposa como um impeditivo para a adequada educação de suas filhas, com isso, a única via para "melhorar o gosto e a compreensão, de sua leitora [...] consertar seu coração" e "indicar-lhe o uso apropriado da filosofia mostrando sua aplicação aos deveres da vida comum" (Prefácio[8] do *Legado*, 2015) era através de um manuscrito. *Legado de um pai para suas filhas* foi o livro de boas maneiras femininas mais vendido entre os séculos XVIII e XIX, teve um sucesso imediato, vendendo mais de seis mil exemplares em apenas dois anos desde o seu lançamento e, bem como as *Cartas* de Chesterfield, foi reimpresso inúmeras vezes, tornando-se o livro um exemplo paradigmático das boas maneiras femininas (MORAN, 2005).

Nesse cenário, Gregory e Chesterfield são colocados como personagens principais no que diz respeito à polidez. Ambos receberam inúmeras reimpressões e críticas, consagrando-se no repertório de boas maneiras britânicas e, quando impressos juntos, foram lidos "como um sistema de instrução polida e moral para ambos os sexos" (TRUSLER, 2019, p. 2).

II

Como vim apresentando até aqui, os textos morais práticos eram intensamente preocupados com a polidez, discutindo tópicos, sob este guarda-chuva, como: galanteria, modéstia, religião, cavalheirismo e boas maneiras – tudo isso, em última instância, geraria (para os moralistas) a mulher e o cavalheiro dotados de virtude (Davidson, 2004). Os textos de Gregory e de Chesterfield versarão, justamente, acerca desses temas, explicando, através de cartas, de que forma cada um deles deveria ser posto em prática. A parte a seguir talvez se torne cansativa ao leitor, pois apresentarei,

[8] Não há paginação.

resumidamente, como cada um dos dois autores tratará alguns dos principais tópicos encontrados sob guarda-chuva da polidez.

Divertimentos

O tipo de divertimento tido como adequado para um jovem cavalheiro ou dama estava intrincadamente relacionado com o aprimoramento das maneiras, da moral e da polidez. Travava-se de uma forma de se "distrair" e, ao mesmo tempo, educar.

Chesterfield afirmará que a maior parte dos jovens pensam que o divertimento consiste em beber muito, não respeitar limites estabelecidos pela sociedade e se divertir à vontade com o sexo feminino. Recobrando rapidamente a observação de Davidson (2004), observa-se que a maior parte do intuito de educar as boas maneiras dos jovens dizia respeito a inculcar um senso de responsabilidade e dever. Nesse sentido, o autor de *Cartas para seu filho* diz: "se recomeçasse o mundo, com a experiência que agora tenho dele, levaria uma vida de prazeres reais, não imaginários" (CHESTERFIELD, 2016, CARTA[9] VII); com isso, Chesterfield pretende evidenciar o conhecimento superior que, em última instância, relaciona-se com a idade avançada. Os divertimentos adequados para um cavalheiro são ditos por Chesterfield ao informar o que ele mesmo – mais velho e mais prudente que o filho ilegítimo para quem escreve – faria em juventude:

> Desfrutaria dos prazeres da mesa e do vinho; mas não me deteria nas dores inseparavelmente anexadas a um excesso de ambos. Eu não seria, aos vinte anos, um missionário pregador da abnegação e sobriedade; e deixaria que outras pessoas fizessem o que fariam, sem os repreender formal e sentenciosamente por isso; mas eu estaria firmemente decidido a não destruir as minhas próprias faculdades e constituição [...] Jogaria para me dar prazer, não para me dar dor; ou seja, jogaria por ninharias, em companhias mistas, para me divertir e obedecer ao costumes; mas teria o cuidado de não me aventurar por grandes quantias [...] Passaria parte do meu tempo a ler, e o resto na companhia de pessoas de bom senso e de erudição, principalmente com as que estão acima de mim; e frequentaria as companhias mistas de homens e mulheres da moda, estas, embora muitas vezes frívolas, ainda assim, abrandam e refrescam a mente, não inutilmente, porque certamente pulem e suavizam as

[9] Cito por "Carta" pois a edição utilizada como base não tem paginação.

> maneiras. Estes seriam os meus prazeres e diversões, se eu voltasse a viver os meus últimos trinta anos; são os racionais; e, além disso, digo-vos, são realmente os verdadeiramente elegantes; pois os outros não são, na verdade, os prazeres de pessoas elegantes, mas daqueles que chamam a si próprios assim. (CHESTERFIELD, 2016, CARTA VII)

Em resumo, tratava-se de divertimentos que não permitiam o excesso ou/e incentivavam algum tipo de aprendizagem. Gregory, por sua vez, será mais sucinto ao informar quais tipos de divertimentos são adequados para uma mulher de mérito:

> Alguns divertimentos contribuem para a saúde, como vários tipos de exercício, alguns estão relacionados com qualidades realmente úteis; como os diferentes tipos de trabalho das mulheres, e todas as preocupações domésticas por uma família; algumas são proezas elegantes, como vestido, dança, música e desenho. Livros que melhoram a compreensão, ampliam o conhecimento e cultivam o gosto, podem ser considerados vistos mais elevados do que meros divertimentos. Há uma variedade de outras, que não são nem úteis nem ornamentais, como jogos de diferentes tipos. (GREGORY, 2015, p. 56)

Similar às indicações de Chesterfield, Gregory indicará para suas filhas divertimentos que permitam uma melhora do caráter e a aparência, diante da sociedade, da modéstia e da virtude. A grande diferença seria que, como Wollstonecraft já notou, que os divertimentos masculinos estariam relacionados ao mundo, enquanto os femininos, à vida doméstica. Além disso, há uma indicação de ensinar a costura para que se possa "capacitá-las a preencher, de forma agradável, algumas das muitas horas solitárias que vocês devem necessariamente passar em casa" (GREGORY, 2015, p. 60). Nisso consistiriam os prazeres de uma vida virtuosa. O que se pode notar, seguindo Wollstonecraft, é que os interesse indicados às mulheres, diferente dos homens, estão relacionados justamente com o caráter frívolo e infantil que diversos autores atribuíam ao sexo feminino como uma justificativa de uma racionalidade inferior. Será visto posteriormente, ainda, que tipos de livros eram indicados às mulheres, este ponto, segundo o próprio Gregory é considerado mais do que divertimento.

Religião

O tópico da religião era um dos principais para que a virtude fosse alcançada. Este, como lembra Ribeiro (2019), foi um dos pontos das morais práticas mais

fortalecidos por autores como Hutcheson e Fordyce. Acreditava-se que a relação entre moral, religião e virtude era especialmente forte para colocar em prática o dever moral, ainda que Deus não interfira "diretamente nos exercícios morais. Não há verdades reveladas pela fé. O cultivo de boas disposições é de inteira responsabilidade e obrigação das criaturas humanas" (RIBEIRO, 2019, p. 28)

Este tópico terá muito pouco espaço na obra de Chesterfield, o que gerará, como nota Davidson (2004), parte das críticas às *Cartas para seu filho*. Mas, como pode-se ver sucintamente no seguinte trecho, o principal objetivo da religião, na formação masculina, era o de reprimir a mentira e outras paixões deletérias para o cavalheiro:

> Todo o homem procura a verdade; mas só Deus sabe quem a encontrou. É, portanto, tão injusto atormentar, como é absurdo ridicularizar as pessoas por aquelas opiniões diversas, que elas não podem deixar de sustentar pela convicção de sua razão. O homem que conta, ou que age na mentira, é o culpado, e não aquele que honestamente e sinceramente acredita na mentira. Não conheço, realmente, nada mais criminoso, mais maldoso e mais ridículo do que mentir. É a produção ou de malícia, covardia ou vaidade; e geralmente falha o seu objetivo em cada um desses aspectos; pois as mentiras, mais cedo ou mais tarde, são sempre detectadas. (CHESTERFIELD, 2016, CARTA XIV)

Gregory, por sua vez, notará um papel muito mais importante da religião na formação feminina, ainda que acreditasse que deveria constituir um dever obrigatório para ambos os sexos "certas diferenças" do caráter natural feminino "tornam alguns vícios em seus sexos, particularmente odiosos" (GREGORY, 2015, p. 11). Enquanto que a dureza natural do coração masculino e a força de suas paixões "inflamadas pelas descontroladas licenças muitas vezes cedidas pela nossa juventude, tendem a tornar nossas maneiras mais dissolutas, e tornar-nos menos suscetíveis aos sentimentos mais sutis do coração" (GREGORY, 2015, p. 11-2). Era necessário, que fossem "regulares em participações no culto público e no recebimento da comunhão", comportando-se "com uma atenção exemplar e séria" (GREGORY, 2015, p. 16). Ou seja, a sutileza de sentimentos estava naturalmente ligada ao caráter feminino e, ao mesmo tempo, deveria ser implementado o dever religioso que gerava tal sensibilidade – que ao mesmo tempo era natural.

Ademais, Gregory deixará claro que "A religião é mais uma questão de modo de sentir do que de raciocinar" (GREGORY, 2015, p. 15), mas, ainda assim, era necessário defender a própria religião e, ao mesmo tempo, evitar controvérsias pois, caso isso ocorresse, as mulheres entrariam em tamanho caos que não conseguiriam se libertar, estragando, portanto, o temperamento e o comportamento natural aos seus corações. Além disso, a ligação religiosa deveria ser evidente no caso das mulheres, pois a indiferença em relação a esse assunto só faria com que parecessem, diante dos olhos masculinos: incrédulas, tolas e repugnáveis. A carência da religião é "prova de espírito duro e masculino", o que significava a perda de sensibilidade e suavidade esperada da "ligação natural" das mulheres com a religião. Uma das principais utilidades da religião na vida feminina pode ser resumida no seguinte trecho de Gregory:

> Há muitas circunstâncias em suas situações peculiares que requerem o apoio a religião para permitir que você aja nelas com espírito e propriedade. Toda a sua vida, frequentemente é de sofrimento. Vocês não podem mergulhar em negócios ou dissiparem-se em prazer e tumulto, como os homens costumam fazer, quando sob a pressão de infortúnios. Vocês devem suportar suas tristezas em silêncio desconhecido e impiedoso. Devem muitas vezes colocar um rosto de serenidade e alegria, quando seus corações se rasgam de angústia ou afundam em desespero. Então o único recurso para consolar-lhes, é a religião. É principalmente devido a isto que vocês têm mais infortúnios domésticos do que nós. (GREGORY, 2015, p. 13)

Em resumo, enquanto a religião, para o homem, pode ser vista como algo que reforçaria o dever de conter paixões deletérias e evitar a mentira; no caso da mulher setecentista britânica dizia respeito não apenas a estas características, mas, principalmente, a um caráter feminino adequado e natural que deveria ser implementado. Vale lembrar, como informa Moran (2005), que parte da ligação natural entre a mulher e a religião será defendido por Gregory, em sua *Visão comparativa*, como a maior elevação que a humanidade poderia alcançar. As mulheres, por isso, representariam o melhor tipo de sociabilidade justamente por, em função da ligação religiosa, terem os sentimentos e as sensibilidades perfeitas. Entretanto, ainda segundo a análise de Moran (2005), é necessário não perder de vista

que a consideração da superioridade feminina de Gregory não implicou, em momento nenhum, uma busca por igualdades jurídicas e políticas entre os sexos.

Estudos

Sem dúvidas, a importância dos estudos não era pequena para a formação de um caráter polido. Como visto anteriormente, mesmo no que diz respeito ao divertimento, este era importante para a criação de conversas interessantes entre homens pelo menos. Além disso, o homem, considerado superior à mulher em força e em razão, deveria cultivar esta qualidade para que pudesse tomar as melhores decisões por sua família. Chesterfield exigirá, de seu filho ilegítimo, o máximo e comprometimento e empenho no estudo de línguas e filosofias: "há muitos intervalos curtos durante o dia, entre estudos e prazeres: em vez de ficar sentado sem fazer nada e bocejar, nesses intervalos, pegue qualquer livro" (CHESTERFIELD, 2016, CARTA XVIII). O tempo precisava ser tão bem aproveitado de modo que o cavalheiro utilizasse para saber o máximo que pudesse:

> Os livros de ciência, e de tipo grave, devem ser lidos com continuidade; mas há muitos, e mesmo muito úteis, que podem ser lidos proveitosamente por fragmentos e de forma livre; tais são todos os bons poetas latinos, excerto Virgílio em sua "Eneida", e tais são a maioria dos poetas modernos, nos quais encontrará muitas partes dignas de leitura que não tomarão mais de sete ou oito minutos. [...] dicionários são livros apropriados para levar e encerrar durante os pequenos intervalos de tempo (de outro modo) ocioso, que todos têm no decurso do dia, entre os seus estudos e seus prazeres. (CHESTERFIELD, 2016, CARTA XXI)

Além disso, vê-se, ao longo das cartas, que Philip Dormer Stanhope exige de seu filho o estudo de línguas clássicas (latim e grego), alemão e francês. Associado a isso, era necessário que se praticasse a conversação em diferentes idiomas e entendesse, ao menos sucintamente, como funcionava a cultura em torno dos idiomas vivos enquanto visitasse outros países – visto que isso ajudaria na adaptação adequada aos modos de cada lugar. O estudo de clássicos, como as obras de Homero e Ossian[10], era também tidos como formadores de caráter.

[10] Os poemas de Ossian, como comentado em *Educação e polidez em David Hume*, seriam uma coleção de textos supostamente descobertos e traduzidos por James MacPherson que representariam

No caso da formação do sexo feminino a situação era completamente distinta – o que certamente será ponto de maior ataque de Wollstonecraft aos autores setecentistas britânicos. Ainda que Gregory afirme que em nada pode aconselhar na leitura de livros e que suas filhas devem ler aquilo que desejarem, o que o autor faz em outros momentos, sob a justificação de ser "fácil aquecer a imaginação de uma garota" (GREGORY, 2015, p. 62), é justamente o oposto: "Revoguem todos os livros, e todas as conversas, que tendem a abalar sua fé naqueles pontos de grande religião que devem servir para regular sua conduta, e da qual suas esperanças de felicidade futura e eterna dependem" (GREGORY, 2015, p. 16). Além disso, o autor aconselha o sexo feminino "a ler apenas livros religiosos que são endereçados ao coração; de modo que inspirem afeições piedosas e devotas, como as que são apropriadas para direcioná-las em sua conduta, e não os que tendem a envolvê-las em um labirinto infinito de opiniões e sistemas" (GREGORY, 2015, p. 17).

Em resumo, a educação feminina era baseada no estudo da religião e de textos morais práticos destinados às mulheres enquanto a educação masculina visava o máximo grau de eloquência, saber e cultura. Evidentemente esta divisão estava atrelada, como visto ao longo das citações de Gregory até então expostas, a uma certa natureza atrelada a cada sexo que, ao mesmo tempo, deveria ser implementada e cultivada pelas boas maneiras.

Modéstia

Este tópico, ao lado da religião, seria um dos principais para a formação feminina virtuosa na Grã-Bretanha setecentista. Praticamente todos os textos morais britânicos contam com um código de moral feminina (Taylor, 2005), o *Legado de um pai para suas filhas* não foge à regra. Gregory informará que esta é uma das principais belezas da mulher uma "retraída delicadeza" que auxiliaria no deslumbre e admiração gerados no coração dos homens. O ato de corar, "o mais poderoso atrativo" da beleza feminina, estava intimamente atrelado à modéstia por ocorrer

boas maneiras postas em prática por povos antigos. Vale a pena lembrar que, posteriormente, a falsidade dos poemas de Ossian foi comprovada.

justamente ao não saber assuntos que seriam indevidos para a delicadeza da mulher setecentista. Corar, portanto, revelava a inocência e:

> Essa modéstia, que eu acho tão essencial em vosso sexo, naturalmente há deixá-las mais silenciosas em companhia, especialmente quando forem muitas. Pessoas de bom senso e discernimento, nunca confundirão esse silêncio com estupidez. Alguém pode colocar-se a compartilhar uma conversa, sem proferir uma sílaba. A fisionomia expressa isto, que nunca escapa de um olho observador. (GREGORY, 2015, p. 30)

Ou seja, a modéstia também estava relacionada a uma forma de preservar a superioridade masculina: uma mulher deveria ficar em silêncio e permanecer inconsciente diante da maioria dos assuntos tratados pelos homens, afinal: "Existe uma natural dignidade, na sincera modéstia, esperada pelo sexo de vocês que é seu apoio natural pelo conhecimento dos homens, e que deve ser superior aos seus interesses e liberdades pessoais" (GREGORY, 2015, p. 48).

Cavalheirismo e Galanteria

Galanteria é um termo que, no século dezoito britânico, carregaria, principalmente, dois significados; o primeiro deles dizia respeito a um "cortejo refinado direcionado às mulheres"; o segundo, significava "paixão viciosa, indecência e devassidão" (DAVIDSON, 2004, p. 47). Como será observado adiante, as indicações de Chesterfield para a educação masculina estarão mais próximos do segundo significado – e justamente por isso, Johnson dirá que o autor tem uma moral de prostituta (DAVIDSON, 2004) – ao passo que os dogmas[11] de Gregory se aproximam do primeiro sentido.

Gregory e Chesterfield estavam de acordo com o fato de que era dever das mulheres refinar os modos dos homens, de tal modo que o primeiro indicará fortemente o estudo religioso para suas filhas tornando-as adequadas para essa importante tarefa natural ao sexo feminino (tópico Religion); e o segundo deixará claro que um cavalheiro deve estar o máximo possível na companhia de mulheres de

[11] Para usar a terminologia de Wollstonecraft e Davidson.

mérito para que possa aprender com elas a arte da polidez e das boas maneiras (Carta CXXXVIII).

No entanto, ainda na mesma carta, vê-se um apelo de Chesterfield ao adultério – que seria lícito na medida em que, mesmo que uma mulher fosse casada, a dama fosse polida e elevada. Stanhope dirá, ainda, que não há razões, diante da arte da galanteria, de se pagar prostitutas na França, já que esta arte seria constitutiva das mulheres polidas da moda na região (Carta CXV). O cavalheiro, portanto, deveria dominar a arte da galanteria e da lisonja, visto que a mulher virtuosa, "longe de se ofender com uma declaração de amor, fica lisonjeada por ela, se for feita de uma maneira polida e agradável" (CHESTERFIELD, 2016, CARTA CXLIV) e "Aqui a dissimulação é muitas vezes necessária e até mesmo a simulação é frequentemente permitida; o que, como as agrada, pode ser lhe útil, e não é prejudicial para ninguém" (Chesterfield *apud* Davidson, 2004, p. 61). Cabe lembrar a seguinte passagem da *Cartas:*

> As mulheres têm, em geral, apenas uma coisa, que é a sua beleza; sobre a qual, dificilmente qualquer lisonja é grosseira demais para engolir. A natureza dificilmente formou uma mulher suficientemente feia para ser insensível à lisonja sobre a sua pessoa [...] Uma beleza indubitável, incontestável e consciente, é para todas as mulheres, a menos sensata lisonja sobre estas cabeças; ela sabe que é seu direito e, por isso, não é grata a ninguém por ter concedido isso. Ela deve ser lisonjeada pela sua compreensão; a qual, embora possivelmente não duvide de si mesma, ainda assim, suspeita que os homens possam desconfiar. (CHESTERFIELD, 2016, CARTA XVII)

A facilidade de lisonjear as mulheres, para Chesterfield, refere-se ao único encantamento feminino: a beleza. Mas é necessário, além de elogiar este aspecto, apelar para a modéstia, pois isso mostra deferência e confiança, da parte do cavalheiro, pela dama (Davidson, 2004). Gregory corrobora para este sistema de Chesterfield atrelado ao segundo uso do termo "galanteria" na medida em que instruirá suas filhas ao termo em seu primeiro uso:

> Eu ficaria feliz por vocês possuírem um agradável decoro em seus comportamentos em locais públicos, mas não aquela tranquilidade confiante, aquele semblante impassível, que parece colocar a companhia em desafio. – Se, enquanto um cavalheiro está falando com uma de vocês, outro, de classe superior, dirige-se a vós, não permitam que o ardente galanteio e visível preferência traiam, a vibração de

> vossos corações. Abandonem vosso orgulho numa situação como esta, preservem-se de uma mesquinharia que a vaidade poderia afundá-las. Considerem que ficam expostas ao ridículo, e afrontam um cavalheiro, apenas para aumentar o triunfo do outro, que talvez pense que vocês honram falar com ele. Conversem com os homens, até mesmo de classe alta, com essa modesta dignidade, o que deve tornar a abordagem de distante intimidade, e consequentemente, impedir que se sintam seus superiores. (GREGORY, 2015, p. 33-4)

Além disso, o autor afirmará que "A inteligência é o talento mais perigoso que podem possuir. Devem guardá-la com grande discrição e boa natureza, caso contrário, criarão muitos inimigos" (GREGORY, 2015, p. 30), corroborando com a ideia chesterfieldiana de que o maior atributo da mulher é a sua beleza. Gregory indica, ainda, que o sexo feminino demonstre fragilidade e inocência, nunca exprimindo qualquer tipo de superioridade intelectual em relação ao homem, afinal "A inteligência é perfeitamente consistente com suavidade e delicadeza; todavia, raramente são encontrados unidos" (GREGORY, 2015, p. 35). O poder de uma encantadora mulher, informa o autor do *Legado*, não ocorre "pela completa exibição de seus encantos pessoais, que sempre estão em nossos olhos em locais públicos, conversando conosco com a mesma liberdade sem reservas que tratamos uns aos os outros; em resumo, assemelhando-se a nós o máximo possível" (GREGORY, 2015, p. 46-7); mas sim na delicadeza e modéstia naturais ao sexo feminino.

Em resumo, os dois sentidos apresentados por Davidson (2004) do termo galanteria complementam-se na medida em que são postos em prática de formas diferentes por cada um dos sexos. Afinal, de um lado os cavalheiros são incentivados a lisonjear o único atributo que consideram constitutivos da mulher (a beleza) e, ao mesmo tempo, lisonjear a modéstia; ao passo que as damas virtuosas precisavam simular inocência, fragilidade e inferioridade, enquanto, ao mesmo tempo, deveriam acreditar que seriam verdadeiramente elogiadas e amadas pela modéstia, e não por conta da beleza. Ou seja, de um lado o cavalheirismo é abertamente incentivado como um modo de conquista de qualquer mulher, e, do outro, a modéstia é explicada como o atributo mais admirável (e, ao mesmo tempo, mais verdadeiramente lisonjeável) para a galanteria feminina.

Conversação e sociabilidade

As boas maneiras e a adequada conversação estiveram entre os pontos mais importantes para estabelecer o caráter superior da civilização polida em detrimento dos bárbaros – como comentado sucintamente na introdução. Textos morais como, *Da ascensão e progresso das artes e das ciências*, de Hume[12], ou *Sensus Communis*, de Shaftesbury são famosos exemplos, ao lado dos textos de Gregory e Chesterfield que estou trabalhando, que representam bem a importância da sociabilidade. Se por um lado Gregory terá grande popularidade por todo o trabalho depositado no *Legado*, Chesterfield, por outro, será criticado principalmente por conta das regras de sociabilidade que estabelece para seu filho ilegítimo nas *Cartas*. O grande problema seria o fato de Stanhope defender um tipo de maneiras tão maleáveis, a ponto de fazer com que — para seus críticos — a moral e as maneiras se misturessem, implicando um caráter nem um pouco consistente (Davidson, 2004).

A conduta adequada do cavalheiro, para Chesterfield, consistiria no "adaptar sua conversa às pessoas com quem você está conversando" (CHESTERFIELD, 2016, CARTA LIV) e, até aqui, não haveria nenhum problema, este é um argumento que já está, de certa forma[13], em textos morais teóricos como o *Sensus Communis*. As maneiras camaleônicas (ou o gênio versátil)[14] apresentariam a distinção em relação a outros textos setecentistas britânicos; um cavalheiro deve, "como o camaleão, pega[r] a tonalidade da companhia com a qual está" (CHESTERFIELD, 2016, CARTA CI).

---

[12] Um dos maiores expoentes dos ideais de sociabilidade britânica, ao lado de Shaftesbury, Adam Smith e Gregory, sem dúvidas é David Hume. O filósofo escocês defensor da polidez, acreditava que "através do cultivo moderado das letras, da poesia, da escrita, da arte e da conversação" o homem seria educado e elevado "intelectual e socialmente, tornando-o, ao lado de todos os indivíduos, uma companhia eloquente e agradável para todos os tópicos de conversação e para a convivência" acreditava, ainda, que "o cultivo de paixões incontroláveis e hábitos embrutecidos é capaz de tornar a convivência social um labor indesejável" (SANTOS, 2019, p. 139).

[13] Uso "em certa medida" pois não se trata de um argumento extremamente recorrente nas *Characteristicks* de Shaftesbury. Na primeira parte do *Sensus Communis,* o autor afirma que é necessário respeitar as limitações dos ouvintes e adequar a fala ao entendimento deste, de modo que a zombaria não é admitida. Esta, entretanto, teria um caráter de importância quando relacionada a uma certa forma de resistir a pressões impostas por poderosos - se não se pode falar algo, deve-se transformar em zombaria para que se possa falar livremente.

[14] Vale lembrar que, na carta LIV, Chesterfield diz que o caráter camaleônico não tem nenhuma relação com a moral, apenas com as boas maneiras.

Os modos deviam ser tomados em conformidade com as tonalidades adequadas para conversar com cada homem e cada mulher (Carta XXIV), por mais frívolo ou desinteressante que o tema fosse, não se deveria demonstrar nenhum tipo de desatento. Isto seria considerado como desprezo, e:

> Se, portanto, preferir agradar a ofender, ser bem-falado do que maltratado, ser amado a odiado; lembre-se de deter aquela atenção constante sobre si que lisonjeia a pequena vaidade de cada homem; e cuja falta, pode mortificar o orgulho, nunca deixa de excitar o ressentimento, ou, pelo menos, a má vontade. (CHESTERFIELD, 2016, CARTA I)

Esta observação, em relação ao caráter da lisonja, aproxima Chesterfield de Mandeville na medida em que admite o poder da bajulação sobre vaidade humana. O vocabulário utilizado diz respeito a um objetivo (ser amado) que é alcançado com o elogio da vaidade. As *Cartas*, além disso, são claras ao incentivar o jovem cavalheiro a manter a reserva em conversar (carta XVII) e:

> De todas as coisas, bane o egoísmo da sua conversa, e nunca pense em entreter pessoas com as suas próprias preocupações pessoais ou assuntos privados; embora sejam interessantes para você, são tediosos e impertinentes para todos os outros [...] Sejam quais forem as suas próprias excelências, não as exiba em companhia; nem se esforce, como muitas pessoas fazem, para levar a conversa a esse rumo que lhe proporciona uma oportunidade de as exibir. Se forem reais, serão infalivelmente descobertas, sem que você mesmo as aponte, com muito mais vantagem. Nunca mantenha uma discussão com exaltação e tumulto, embora pense ou saiba que tem razão. Mas dê a sua opinião de forma modesta e fria, que é a única forma de convencer. (CHESTERFIELD, 2016, CARTA XVII)

Do outro lado, com relação à educação feminina, vê-se algo (novamente) distinto. A mulher não tem o direito de dar sua opinião de forma modesta e fria, ela deve ser "cautelosa ao revelar bom senso", "caso tenha qualquer erudição" deve manter "em um profundo segredo, especialmente dos homens, que geralmente olham com ciúme e malignidade uma mulher" (GREGORY, 2015, p. 36-7). A polidez que Chesterfield indica ao seu filho ilegítimo de deixar que os outros descubram seus talentos, é aplicado a mulher como um todo.

Uma das instruções mais contundentes de Gregory é "Tenham um apreço sagrado pela verdade. Mentir é um vício vil e desprezível" (GREGORY, 2015, p. 42). No entanto, ao longo de seu *Legado*, pede que suas filhas dissimulem caso tenham

alguma superioridade de polidez ou caráter, caso tenham uma boa saúde ou maior intelecto; tudo isso deveria ser guardado em segredo íntimo. Afinal, "A grande arte de uma conversa [feminina] amável, consiste em fazer a companhia sentir-se contente. Vocês irão ouvir mais, com boa vontade, do que falar de suas boas graças" (GREGORY, 2015, p. 37-8). Por isso, inclusive, as mulheres não poderiam falar, ou expressar, grande "sua grande força, seu extraordinário apetite, sua capacidade de suportar fadiga excessiva" (GREGORY, 2015, p. 59). Isso, explica Gregory, desassociava a natural delicadeza e modéstia feminina da mulher.

Considerações Finais

Ainda que o texto de Chesterfield tenha sido duramente criticado por conta de seu modo completamente "irregular", por assim dizer, o autor caracteriza a formação das boas maneiras e da polidez masculina. Foi reimpresso inúmeras vezes e traduzido para outras línguas; além disso, as críticas estariam atreladas muito mais ao fato de as cartas com um conteúdo "nobre" terem sido abertas para o público, em última instância trava-se de uma exposição dos valores burgueses e cavalheirescos – não à toa que parte das críticas foram feitas à Eugene Stanhope por não ter removido passagens que atentam contra a delicadeza da sociedade civilizada (Davidson, 2004). Não se pode esquecer que, quando impresso junto com o *Legado* de Gregory em *Principles of Politeness*, foi considerado que instruía completamente às boas maneiras.

Quanto a Gregory, mesmo que este comece o *Legado* informando quanto considera que as mulheres são iguais aos homens, e tenha um tom muito mais paternal e carinhoso do que os sermões de Fordyce (MORAN, 2005), não se pode deixar de notar que, conforme expus, há limites claros que não podem ser ultrapassados por conta da (considerada) natureza própria das mulheres e o autor, em momento nenhum, viabiliza qualquer tipo ação em prol da igualdade entre os sexos (MORAN, 2005).

E onde se contra o caráter da hipocrisia que participa, segundo Davidson, do funcionamento da polidez? Ora, tanto Chesterfield quanto Gregory indicavam e

instruíam um grande apreço pela verdade, entendendo a mentira como um mal que deveria ser extinto. Em contrapartida, parte do bom funcionamento da sociedade britânica setecentista se devia ao caráter da dissimulação atrelado à polidez: a modéstia, a galanteria e os modos de conversar não seriam nada mais do que um ato hipócrita em relação à verdade. Até os próprios moralistas, como visto com Ribeiro (2019), teriam dado atenção ao problema da mentira e da dissimulação – exigida pela sociabilidade – em relação à virtude.

A lisonja, nos termos de Mandeville, é tomada abertamente por Chesterfield, ao mesmo tempo que, como lembra Wollstonecraft, o autor é incoerente por desejar uma maturidade artificial e um tratamento distinto entre os sexos. Gregory oscilará entre o considerar as mulheres como iguais e, ao mesmo tempo, revelar sua incoerência, como lembra Wollstonecraft, ao ensinar suas filhas a mentir, inclusive, no que diz respeito à boa saúde. A própria noção de características naturais da constituição humana ao lado da necessidade de se inserir um determinado tipo de caráter, apresentam a hipocrisia nas instruções de Chesterfield e Gregory.

O caráter da incoerência, traçado por Wollstonecraft e aplicado em Gregory e Chesterfield, revelam o disparate entre as próprias falas dos autores em relação a outras de suas falas ou em relação ao mundo. A lisonja de Mandeville, por sua vez, notará o caráter da dissimulação humana como um mero massageador de egos. Davidson (2004) lançará mão do termo de hipocrisia para abarcar mais do que a "incoerência" e a "lisonja", por si só foram capazes de abarcar.

Ora, se até os próprios moralistas do século XVIII britânico identificaram o problema da dissimulação e da mentira em relação com a verdade e a virtude, torna-se mais do que necessário, portanto, seguindo Davidson (2004), superar o tabu de não considerar a hipocrisia como polidez. A lacuna entre o dito e o feito e, ao mesmo tempo, as incertezas relacionadas ao autocontrole e às boas maneiras destituem qualquer véu da hipocrisia que poderia ser nomeado como: galanteria, boas maneiras, virtude, autocontrole, polidez e cavalheirismo.

Referências

BERKELEY, George. **Obras filosóficas**. Tradução, apresentação e notas de Jaimir Conte. São Paulo: Ed. UNESP, 2010.

BOTTING, Fred. **Gothic**. Londres; Nova York: Routledge, 2005.

CARVALHO, Camila Moura e SANTOS, Mariana Dias Pinheiro. **Hobbes, pandemia e bolsonarismo**: um convite à desobediência civil. *Investigação filosófica.* Macapá: v. 11, n. 2, pp. 13-35, 2020

CHESTERFIELD, Philip Dormer Stanhope. **Latters to his son**. USA: Gutenberg, 2014.

DAVIDSON, Jenny. **Hypocrisy and the politic of politeness**. New York: Cambridge University Press, 2004.

GREGORY, John. **A Father's Legacy to his Daughters**. USA: Gutenberg, 2015.

HOBBES, Thomas. **Leviatã**. *Coleção Os Pensadores: Hobbes*. Tradução de João Paulo Monteiro e Maria Beatriz Nizza da Silva. São Paulo: editora Nova Cultural, 1999.

HUME, David. **Um ensaio histórico sobre a cavalaria e a honra dos modernos**. *Prometeus*, v 10, n. 23, 2017.

MANDEVILLE, Bernard. **An Enquiry into the Origin of Honour and the Usefulness of Christianity in War**. London: Cass, 1971.

_____. **A Fábula das Abelhas: ou vícios privados, benefícios públicos**. Tradução de Bruno Costa Simões. São Paulo: Editora Unesp, 2017.

MENDES, Eliana Amarante de Mendonça. **Sobre o decorum: dos clássicos à pós-modernidade**. *Quaestio Iuris*. Rio de Janeiro: vol. 09, nº. 03, pp. 1321-1343, 2016.

MORAN, Mary Catharine. **Between the Savage and the Civil**: Dr John Gregory's Natural History of Feminity. *In:* KNOTT, Sarah e TAYLOR, Barbara *Women, Gender and Enlightenment*. New York: Palgrave Macmillan, 2005.

RIBEIRO, Andreh Sabino. **Refinamento Moral nos Ensaios de David Hume**, *1741-1742*. Tese (Doutorado em Filosofia) – Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, UFMG, 2019.

SANTOS, Mariana Dias Pinheiro. **Educação e Polidez em David Hume**. In: VIII Encontro de Pesquisadores Iniciantes das Humanidades. São Cristóvão: Editora UFS, 2019.

_____. **Virtude moral, sociabilidade e poder no gótico do século XVIII**: Radcliffe e Lewis. *Revista Lampejo*. Fortaleza: **vol. 9** nº 1 pp. 235-250, 2020.

SHAFTESBURY, Anthony Ashley Cooper, Third Earl of. **Characteristicks of Men, Manners, Opinions, Times**. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.

TAYLOR, Barbara. **Feminists versus Gallants: Sexual Manners and Morals in Enlightenment Britain**. *In:* KNOTT, Sarah e TAYLOR, Barbara. *Women, Gender and Enlightenment*. New York: Palgrave Macmillan, 2005.

TOLONEN, Mikko. **The Gothic Origin of Modern Civility**: Mandeville and the Scots on Courage. *Journal of Scottish Philosophy*, v. 12, n. 1, 2014, pp. 51-69.

TRUSLER, John. **Principles of politeness, and of knowing the world**. USA: Gutenberg, 2019.

WOLLSTONECRAFT, Mary. **Reivindicação dos Direitos da mulher**. Tradução de Ivania Pocinho Motta. São Paulo: Boitempo, 2016.

Recebido em: 05/06/2021

Aceito em: 30/11/2021